

# TRUMP E PUTIN SÃO OS DOIS LADOS DA MESMA MOEDA? AS TENDÊNCIAS AUTORITÁRIAS E POPULISTAS NOS ESTADOS UNIDOS E NA RÚSSIA CONTEMPORÂNEOS

Ariel Finguerut<sup>1</sup>  
Thayris de Oliveira<sup>2</sup>

De acordo com muitos analistas e historiadores, a política possui um movimento pendular, que oscila entre os campos ideológicos de esquerda ou direita. Atualmente, em diversas partes do mundo, o “pêndulo” está inclinado à direita, devido à ascensão/popularidade de políticos e regimes conservadores que, por sua vez, têm se colocado como a melhor solução para os problemas decorrentes de crises econômicas e ameaças iminentes. Neste sentido, os governos de Donald Trump (Estados Unidos) e de Vladimir Putin (Rússia) têm chamado a atenção no cenário internacional. A fim de identificar uma base comum ideológica que evidencie uma possível aliança global entre eles, este texto visa apresentar um comparativo entre os dois governos, destacando as semelhanças e as diferenças entre os líderes.

**Palavras-chave:** populismo; Donald J. Trump; Vladimir V. Putin; Rússia contemporânea; Estados Unidos contemporâneo.

## TRUMP AND PUTIN: ARE THE TWO SIDES OF THE SAME COIN? AUTHORITARIAN AND POPULIST TENDENCIES IN THE CONTEMPORANEITY USA AND RUSSIA

According to several analysts and historians, politics has a pendular movement: it oscillates between the ideological fields of left or right. Nowadays in many parts of the world, the “pendulum” is tilted to the right due to the rise/popularity of conservative politicians and regimes, which in turn has become the best solution to problems arising from economic crises and threats imminent. In this sense, the governments of Donald Trump (USA) and Vladimir Putin (Russia) have called attention to the international scenario and in order to identify a common ideological base that evidences a possible global alliance between them, this article aims to present a comparison between the two governments, highlighting the similarities and differences between the leaders.

**Keywords:** populism; Donald J. Trump; Vladimir V. Putin; contemporary Russia; contemporary USA.

## TRUMP Y PUTIN: ¿SON LOS DOS LADOS DE LA MISMA MONEDA? TENDENCIAS AUTORITARIAS Y POPULISTAS EN LA CONTEMPORANEIDAD ESTADOUNIDENSE Y RUSIA

De acuerdo con muchos analistas y historiadores, la política posee un movimiento pendular, que oscila dentre los campos ideológicos de izquierda o derecha. Actualmente, en diversas partes del mundo, el “péndulo” tiene una inclinación para la derecha, debido a ascensión/popularidad de

---

1. Pesquisador no Grupo de Trabalho Oriente Médio e Mundo Muçulmano da Universidade de São Paulo (USP).  
2. Profissional de relações internacionais. *E-mail:* <oliveirathayris@gmail.com>.

políticos y regímenes conservadores que, a su vez, se han colocado como la mejor solución a los problemas decorrentes de crisis económicas y amenazas inminentes. En este sentido, los gobiernos de Donald Trump (Estados Unidos) y de Vladimir Putin (Rusia) han llamado la atención en el escenario internacional. Con la finalidad de identificar una base común ideológica que evidencie una posible alianza global entre ellos, este artículo pretende presentar un comparativo entre los dos gobiernos, destacando las similitudes y las diferencias entre estos dirigentes.

**Palabras clave:** populismo; Donald J. Trump; Vladimir V. Putin; Rusia contemporánea; Estados Unidos contemporáneo.

## 1 INTRODUÇÃO

*I've learned to hate the Russians  
All through my whole life  
If another war comes  
It's them we must fight  
To hate them and fear them  
To run and to hide  
And accept it all bravely  
With God on my side.  
Bob Dylan*

Nosso objetivo neste texto é apresentar uma comparação, de forma exploratória e introdutória, entre a Rússia contemporânea de Vladimir V. Putin e os Estados Unidos de Donald J. Trump. Dessa maneira, será possível discutir possíveis afinidades e diferenças entre os dois governantes e discutir a relação entre suas posições, estilos políticos e um quadro geopolítico mais amplo que projeta estas duas grandes potências no século XXI.

A ascensão dos Estados Unidos como uma grande potência está vinculada diretamente às suas relações de aliança, antagonismo e contenção ou confronto. Essa situação de antagonismo apenas se agravou com a Guerra Fria e a hegemonia conquistada pelos americanos pós-fim da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas (URSS). Os principais estadistas, diplomatas e até mesmo secretários do Departamento de Estado da História Contemporânea, como John Foster Dulles (governo Eisenhower), Henry Kissinger (governos Nixon e Ford) e Condoleezza Rice (governo George W. Bush), dedicaram-se a compreender e a lidar com os russos, seja como acadêmicos, diplomatas ou funcionários do governo estadunidense.

Aron (2002), ao estudar o auge da Guerra Fria, argumenta que a polarização Estados Unidos/Ocidente *versus* URSS/socialismo levava o Ocidente a buscar a “paz sem vitória”, enquanto os soviéticos consideravam os Estados Unidos como um inimigo tanto nacional quanto ideológico. A perspectiva ideológica também era um norte da política externa dos Estados Unidos: derrotar o regime soviético

era mais importante que derrotar a própria URSS, ou mesmo, de forma mais ampla, derrotar a ideia de um império russo. O autor enfatiza a importância de sobreviver e argumenta que a modernização pode ser mais eficaz que o conflito bélico direto, cujos desdobramentos seriam desconhecidos e incontroláveis. A sociedade industrial, no contexto do início dos anos 1960, excluía dois terços da população mundial e, nos termos de Aron (2002, p. 176), “com ou sem socialismo todos querem os benefícios da sociedade industrial”. Apesar do poder brando (*soft power*) americano, de todas as promessas de consumo e do conforto do modo de vida americano, o risco de derrota do Ocidente sempre foi uma possibilidade concreta, que também pode ser projetada para o presente.

Friedman (2009), fundador da Stratfor,<sup>3</sup> enfatiza a geopolítica como uma variável constante em qualquer construção de cenários para conflitos e na projeção destes para a política internacional, seja para o presente ou para um período de cem anos. No segundo caso, desenhado para os Estados Unidos, Friedman argumenta que os americanos estão ainda no alvorecer de sua projeção de poder: eles seriam ainda um “adolescente” com grande potencial e, como tal, muitas vezes é inseguro, imaturo e tempestivo, podendo até se comportar de forma bárbara, querendo a todo custo mostrar que está certo.

Junto a esse alvorecer do poder americano, há uma recorrente nostalgia e um medo permanente do declínio. O sentimento de que o melhor ficou para trás é amplamente discutido em Bell (1963), Lichtman (2009) e Himmelfarb (2001). Tem sido argumentado com certo consenso que, depois de todas as transformações políticas, sociais e culturais dos anos 1960, esse sentimento, além da sensação de que o excepcionalismo estadunidense morreu e a nação americana está dividida e em declínio, ganhou força e, recorrentemente, voltou com consequências políticas e econômicas.

Para Friedman (2009), a projeção geopolítica americana permite ao país ainda ser a grande potência militar. Com estas duas variáveis – a geopolítica e o poder militar –, os americanos projetam um controle marítimo que possibilita também o domínio do comércio e controle de acesso a mercados importantes, além da vantagem política de, eventualmente, conseguir invadir outros países sem ser invadido. Apesar da ascensão econômica de outros países, como China, que ameaça o controle dos mares no Sudeste Asiático, ou mesmo dos riscos de mísseis balísticos atingirem o território estadunidense, segundo Friedman (2009, p. 47), os Estados Unidos seguem como uma “estranha mistura de enorme autoconfiança e insegurança”.

---

3. Empresa de consultoria criada em 1996, que monitora conflitos, projeta cenários e realiza análises de conjuntura.

Se olharmos para uma projeção a partir da Rússia, destaca-se novamente a prerrogativa geopolítica. Trata-se de um país de dimensão continental e com recursos naturais – todavia, suas fronteiras são, ao mesmo tempo, uma vantagem e um problema para Moscou. É uma vantagem pois as grandes distâncias, o clima e a geografia protegem a capital, mas é também uma desvantagem porque o Exército russo tem dificuldade de mobilização e deslocamento. À medida que as fronteiras russas avançam rumo à Europa, igualmente aumentam as tensões com países fronteiriços. Uma outra desvantagem é a economia centrada na política energética, pois ela depende de recursos naturais, e para assegurar suas matérias-primas se justifica um crescente poder militar. A correlação entre dependência econômica da exportação de fontes fósseis (os hidrocarbonetos como o petróleo e o gás) e concentração de renda, militarização, instabilidade e insegurança econômica é abordada em estudos de autores como Ross (2013).

Com projeção internacional (via política energética) e mais poder militar, a Rússia caminha, segundo Friedman (2009), para uma trajetória de mais pressão sobre a Europa, em uma tentativa de recuperar sua influência, perdida com o fim da URSS. Assim, busca aumentar e seguir sua expansão e interferência em sua zona considerada de influência (avançando sobre áreas de proximidade histórica, como os países e regiões no Cáucaso, Ásia Central e Balcãs) e evitar coalizões antirrussas ou russofóbicas,<sup>4</sup> como muitas vezes aparece em declarações oficiais do Kremlin. A partir das linhas gerais de projeção geopolítica, autores como Friedman (2009), Sestanovich (2014) e Applebaum (2012) argumentam que a Rússia tende a realizar ações agressivas na tática, mas defensivas na estratégia. Nesse ponto, alguns países têm um peso estratégico – como é o caso da Ucrânia, que, por sua proximidade e vulnerabilidade da fronteira, não poderia, na visão russa, ser governada por um inimigo. Friedman (2009) compara a sensibilidade russa em relação à Ucrânia com o caso do México para os Estados Unidos.

A visão russa é também pautada pelo antiamericanismo, enxergando os Estados Unidos como uma força intervencionista, antirrusa, que estaria sempre disposta a financiar e manipular atores propensos a desestabilizar seus interesses. O Kremlin está constantemente preparado para atribuir responsabilidade aos Estados Unidos quando, por exemplo, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) ameaça a Rússia ou quando há resistências civis em países de sua influência (na Geórgia ou na Ucrânia, por exemplo).

A estratégia russa tem sido se proteger e denunciar seus inimigos – os Estados Unidos, principalmente. Neste processo, como argumenta Applebaum (2012), a Rússia investe em intensa manipulação e propaganda voltada para os

---

4. Mais informações disponíveis em: <<https://themoscowtimes.com/news/top-russian-officials-brand-flynn-resignation-russophobic-paranoia-57141>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

grupos e populações étnicas pró-Rússia, e mantém uma disposição em ajudar, principalmente com suporte na área militar, regimes antiamericanos. Com base nestas duas variáveis, temos uma Rússia revisionista, tanto em termos de seu passado, como a URSS, quanto repensando seu *status* de poder no século XXI.

## 2 VLADIMIR PUTIN: A SOMBRA AUTORITÁRIA NA RÚSSIA

*Quem não sente falta da União Soviética não tem coração.*

*Quem a quer de volta não tem juízo.*

Vladimir Putin

Vladimir Putin é uma personalidade que divide opiniões: popular entre os seus compatriotas e visto com desconfiança no cenário internacional. É reconhecido por ter conduzido a Rússia a uma recuperação, bem como conferido estabilidade ao setor econômico, superando a grave crise econômica de 1998. No entanto, é acusado de minar a democracia com o seu autoritarismo político, limitando a atuação da oposição e recentralizando os controles administrativos do país para si. Curiosamente, é o presidente que permaneceu mais tempo no cargo após a dissolução da URSS e atualmente exerce o seu terceiro mandato.

Antes da chegada de Putin ao poder, logo no início da década de 1990, a Rússia encontrava-se em um período de reconstrução, visto que a base que sustentava a identidade da nação, bem como a sua influência internacional e império, fora desfeita com a desintegração da URSS (Segrillo, 2008; Suny, 2008; Kulike e Aguilar, 2014; Tsonchev, 2017). Tsonchev (2017) afirma que o socialismo, como ideologia, serviu para legitimar o sistema político soviético, bem como seu expansionismo em todo o mundo. Neste sentido, o marxismo era motivo de orgulho nacional, porque corroborava o pensamento de que os russos se constituíam como um povo excepcional, justamente por ter sido o primeiro país a aplicar na prática os fundamentos da teoria de Marx, tanto na sua esfera política quanto econômica. Ademais, a política externa era voltada para difundir a ideologia soviética pelo globo e impedir a intervenção ocidental nas repúblicas soviéticas e nos países que estavam sob sua zona de influência (Suny, 2008; Kulike e Aguilar, 2014).

O colapso da URSS culminou em quinze Estados independentes, que acabaram, cada vez mais, se aproximando do Ocidente devido à necessidade de se inserir no contexto internacional, adequando-se ao capitalismo (com a abertura econômica) e absorvendo o modelo democrático de governo (Kulike e Aguilar, 2014; Tsonchev, 2017). Com isso, a Rússia, que era o centro da antiga URSS, perdeu o seu poder de influência sobre as ex-repúblicas soviéticas porque, como o domínio soviético era autoritário e a ameaça de intervenção era permanente, os

Estados procuraram distanciar-se da hegemonia russa. Assim, o país precisou se reposicionar no cenário geopolítico global.

Fukuyama (1992), Kannan (2005), Segrillo (2008) e Tsonchev (2017) indicam que um dos fatores que contribuíram para a dissolução da URSS foi o questionamento sobre a efetividade do sistema de governo soviético. Inicialmente, o regime foi aceito pelo povo em decorrência dos benefícios conquistados pelo regime – por meio de sua grandeza imperial e *status* de superpotência – e do desejo de manter ordem e segurança. Contudo, após um deslumbramento inicial, a população observou que as suas necessidades eram maiores do que os recursos e soluções que o governo poderia oferecer, considerando que a fórmula socialista para o crescimento econômico era defeituosa: uma economia socialista de comando, dirigida por preços administrados e planejamento centralizado, e não pelo mercado (Fukuyama, 1992; Kannan, 2005; Segrillo, 2008).

Na visão de diversos autores (Goldman, 1987; Castells e Kiselyova, 1995; Segrillo, 2000 *apud* Segrillo, 2008), o problema em si não foi a ineficácia do modelo socialista, mas, sim, o fato de que este encontrou dificuldades para acompanhar a corrida tecnológica durante a Revolução da Informação – especificamente no começo da década de 1970. Nesse momento, a competição de mercado passou a acontecer sob o signo da flexibilidade, dos fluxos mais horizontais de informação e do comando com ênfase nas economias de escopo. Com isso, o fordismo – caracterizado por possuir fluxos verticais de informação e de comando, standardização rígida e economia de escala – fora ultrapassado devido às novas demandas que surgiram com a Terceira Revolução Industrial. Dessa maneira, a URSS encontrou dificuldades para adaptar-se, tendo em vista que detinha um formato produtivo mais rígido, isto é, assemelhava-se ao antigo modelo (fordismo), com o qual conseguia competir relativamente bem, tanto que alcançou altos índices de crescimento econômico nas décadas anteriores (Segrillo, 2008).

Nesse sentido, Keeran e Kenny (2014) argumentam que a URSS não colapsou porque o socialismo fracassou. O sistema socialista, de acordo com estes autores, teve êxito, especialmente na perspectiva da classe trabalhadora organizada. O sistema proporcionou um crescimento econômico sustentável por seis décadas, resultando em significantes inovações tecnológicas e científicas com benefícios para toda a população. Ademais, segundo os autores, a URSS prestou auxílio técnico e proteção militar a outras nações em prol do socialismo e apoiou movimentos anticônias mundo afora.

No entanto, a União Soviética tinha problemas: alguns ligados à estagnação político-ideológica, outros relacionados à quantidade e qualidade da produção econômica, ou ainda resultantes da confrontação com o imperialismo. Porém,

estas não foram as causas para a sua desintegração. Keeran e Kenny (2014) concluem que o que derrubou o socialismo soviético foram as reformas feitas por Gorbachev, cuja política baseava-se na crença de que os pontos falhos do socialismo poderiam ser solucionados por meio de concessões unilaterais ao imperialismo e da incorporação na URSS de certas ideias e práticas do capitalismo.

Em 1991, Gorbachev concedeu autonomia às repúblicas, com o intuito de evitar uma guerra civil devido à tensão entre reformistas e conservadores. Neste mesmo ano, o parlamento votou a dissolução da URSS e Yeltsin declarou a independência da Rússia e a formação da Comunidade de Estados Independentes (CEI). Inaugurou-se, desta maneira, a primeira fase pós-soviética do país: a era Yeltsin (1991-1999).

A era Yeltsin diz respeito ao período em que se deu início o processo de transição do sistema socialista para um governo com contornos democráticos e aspiração capitalista. Em um primeiro momento, o Ocidente serviu de parâmetro para a implantação do sistema parlamentar e do liberalismo econômico no país. No entanto, as reformas e os princípios adotados não trouxeram ordem política e social saudável e tampouco conduziram ao encontro de uma identidade genuína à Rússia (Tsonchev, 2017).

Sob a presidência de Yeltsin, as prescrições ocidentais para a boa sociedade simplesmente não funcionaram, eles só intensificaram o sentimento de derrota e humilhação entre os russos, aumento da pobreza e dificuldades econômicas, criaram o crime organizado e a classe de oligarcas, enquanto a desintegração territorial continuou com guerras ocasionais na periferia da antiga União (Tsonchev, 2017, p. 1, tradução nossa).<sup>5</sup>

A abertura econômica gerou uma instabilidade no país: empresas estatais, tidas como relevantes, foram privatizadas. Além disso, houve um aumento considerável nos índices de desemprego e pobreza, como também da violência, de consumo de entorpecentes, corrupção e o surgimento da máfia. No aspecto político, a Rússia vivenciou o seu momento mais democrático: eleições livres e diretas, instituições democráticas, direitos políticos e multipartidarismo. Contudo, a malsucedida experiência econômica e os impactos causados marcaram negativamente a população, ou seja, sob o aspecto de mecanismos democráticos, mas simbólicos, de capitalismo de massa, um grupo de uns poucos oligarcas apoderaram-se de algumas companhias mais relevantes para o país a preços irrisórios e condições suspeitas (Segrillo, 2008).

---

5. "Under Yeltsin's presidency, the Western prescriptions for good society not simply did not work, they only intensified the feeling of defeat and humiliation among Russians, increased poverty and economic hardship, created organized crime and class of oligarchs, while the territorial disintegration continued with occasional wars on the peripheries of the former Union".

Vale mencionar que, durante esse governo, houve o chamado “vácuo geopolítico”, porque a Rússia não possuía um direcionamento ideológico ou geoestratégico bem definido. Não existia a preocupação de manter ou ampliar a área de influência geopolítica, uma vez que o objetivo era afastar-se por completo de qualquer postura que remetesse à URSS, inserindo o país no mundo neoliberal capitalista (Kulike e Aguilar, 2014).

Em 1999, Boris Yeltsin renunciou ao cargo e o primeiro-ministro de seu governo, Vladimir Putin, foi nomeado para assumir o seu lugar como presidente interino. A era Yeltsin foi considerada – especialmente em seu momento final – o período de maior declínio econômico, fora dos tempos de guerra, na história da Rússia (Segrillo, 2008), pois o país estava fragilizado devido às consequências da crise transformativa sistêmica e da vulnerabilidade institucional (Segrillo, 2008; Suny, 2008; Kulike e Aguilar, 2014; Tsonchev, 2017).

Com isso, tem-se início a segunda fase da Rússia pós-URSS: a era Putin (1999/2000 até o presente). Diferente da anterior, ela é marcada por um período de bonança econômica e pelo autoritarismo que coexiste como uma sombra ao regime democrático. Apesar de suas tendências autoritárias, esse político possui grande estima entre a maioria dos russos e não é difícil compreender os motivos que levam a população a admirá-lo. Quando o ex-agente da Komitet Gosudarstveno Bezopasnosti (KGB) chegou à presidência, o país vinha apresentando índices negativos de crescimento econômico – com exceção de 1997 – e os salários/aposentarias estatais estavam sendo pagos com atraso, devido ao *deficit* orçamentário. No entanto, este quadro foi invertido em virtude das medidas tomadas durante o seu mandato (Segrillo, 2008; Tsonchev, 2017).

Putin chegou ao poder um ano depois da crise financeira de 1998 que, de acordo com Segrillo (2008), desarticulou completamente o sistema financeiro russo, mas teve o efeito benéfico colateral de obrigar a Rússia a reformar seu sistema bancário em direção mais saudável, segura e menos especulativa. Em contrapartida, justamente em 1999 e 2000, houve uma forte alta no preço do petróleo. Como a Rússia é um dos maiores produtores e exportadores dessa *commodity*, a consequência do aumento de preço permitiu que Putin pudesse regularizar – paulatinamente – a dívida externa e a situação dos pagamentos em atraso, como também lançar-se em um programa de investimentos produtivos.

Em 2000, logo no primeiro turno, Putin foi eleito presidente. Um ponto que o favoreceu nesse pleito, além da melhora econômica, foi o modo como conduziu a campanha contra os chechenos no final da década de 1990. Durante o período 1994-1996, a guerra foi extremamente impopular e mal coordenada – todavia, em 1999, ganhou uma conotação de guerra justa (Segrillo, 2008). Isto se deve ao fato de que, em agosto desse último ano, houve um ataque que deixou mais de trezentos

civis russos mortos, fazendo com que a população apoiasse a campanha de Putin para retomar a Chechênia dos terroristas (Segrillo, 2008; Tsonchev, 2017).

Putin buscou restaurar os controles administrativos da Rússia e, devido a isso, os seus detratores o acusaram de estar comprometendo a democracia no país, pelo fato de serem empregados métodos autoritários como forma de governar. Ele justificou-se alegando que esta recentralização se fazia necessária em decorrência do período conturbado no governo Yeltsin, no qual as inclinações centrífugas (como no caso da Chechênia) estariam ameaçando a unidade do Estado russo. As reformas lideradas por Putin culminaram em uma administração mais coordenada nos vários níveis de governo, minimizando a incoerência das leis regionais e nacionais. No entanto, os críticos asseveram que existe uma erosão dos valores democráticos, dado que o governante e seus aliados impõem suas ideias, por serem a maioria, enquanto a oposição dispõe de pouco espaço para se manifestar.

A Freedom House,<sup>6</sup> em 2004, reclassificou a Rússia de parcialmente livre para não livre. Porém, os analistas russos utilizam o termo democracia dirigida para descrever o regime político atual do país (Segrillo, 2008). Isto significa que, formalmente, os mecanismos democráticos existem (constituição, eleições, partidos de oposição, entre outros), todavia, na realidade, há uma série de possibilidades sutis que permitem que o presidente possa tomar medidas que seriam tidas como antidemocráticas em outra situação.

Segrillo (2008) menciona que Putin (ou melhor, o judiciário russo) decidiu perseguir alguns oligarcas da Rússia que estavam, justamente, em oposição aos interesses do governo. De fato, estes oligarcas não foram processados por sua oposição política, mas por terem problemas com o Fisco. Assim, Putin justifica que não há perseguição política, mas, sim, aos delinquentes fiscais. Essa linha tênue entre a legalidade e ilegalidade e as tendências autoritárias constituem-se em um problema para o país.

Alguns observadores constatam que essa situação não é algo atrelado à personalidade de Putin ou às dificuldades de um processo de transição democrática, mas faz parte do passado político russo. Para estes, fora o período pós-soviético, a Rússia nunca teve um período realmente democrático. Para muitos observadores, a recaída de Putin em um regime autoritário após o relativamente livre período Yeltsin não foi algo anormal, mas, sim, uma volta ao padrão autoritário que, por sua vez, sempre fora dominante na história do país (Segrillo, 2008).

Outra explicação sobre a transição da Rússia é a teoria da atração entre a democracia econômica e política, isto é, a noção de que, se um país se abrir economicamente, a democratização torna-se consequência. Notamos, porém, que

---

6. Organização que realiza a classificação dos países de acordo com o grau de suas liberdades políticas e civis.

isto não ocorreu com a Rússia: a era Yeltsin, como mencionamos, foi o momento em que o país migrou para o capitalismo com uma forte abertura de mercado, principalmente do mercado interno russo à competição estrangeira. Entretanto, essa abertura econômica não levou a uma democracia política consistente, sendo sucedida pela era autoritária de Putin.

De acordo com Segrillo (2008), as condições políticas e econômicas do período Putin parecem ter sido uma reação às condições específicas da época Yeltsin, que, por sua vez, conflitaram com alguns componentes históricos da identidade russa. O primeiro componente é a tradicional controvérsia entre ocidentalistas e eslavófilos. No século XVIII, a Rússia se dividiu entre os que defendiam reformas modernizantes e os que afirmavam que o país era uma civilização única, distinta das que estavam a oeste e, por isso, deveria seguir o seu próprio caminho em vez de replicar modelos ocidentais. Como essa busca pela verdadeira identidade russa perdura até hoje, a era Yeltsin foi tida como pró-ocidental dentro do pêndulo ocidentalistas *versus* eslavófilos. A era Putin, por sua vez, é considerada, por muitos cidadãos, como uma correção saudável nesse demasiado pendor aos modelos ocidentais (Segrillo, 2008).

Outro elemento histórico é o conceito de *gosudarstvennost* (estadismo), que se refere à percepção cultural de que o Estado russo está intrinsecamente atrelado à sociedade russa. Diferentemente do conceito liberal de que o Estado é um inimigo das liberdades individuais na sociedade, na Rússia, ele é visto como imprescindível para o desenvolvimento da sociedade.

A noção que os russos têm é que o país só sobreviveu e chegou a ser um grande império pelo fato de ter centralizado e sido capaz de manter a unidade de seus elementos internos (Segrillo, 2008). Dessa maneira, podemos concluir que Putin está ligado à ideia de *gosudarstvennost*, assim como a maioria dos cidadãos do país, e, por isso, as suas iniciativas são aprovadas pela sociedade, visto que existe a percepção de que busca fortalecer o Estado para favorecer povo.

Além disso, Tsonchev (2017) constata que Putin, ao assumir o comando do país, iniciou um processo de reconstrução do Estado sem embasar-se em fundamentos de ideologias estrangeiras, como democracia e liberalismo. Ademais, diferente de Yeltsin, não buscou obter apoio ou conselhos de analistas políticos e econômicos ocidentais. Ao contrário: parece que procurou redescobrir a excepcionalidade do modelo político russo.

Putin encontrou no patriotismo enraizado no cristianismo a solução ideológica que consolidaria a sua autoridade, bem como reergueria o país. No entanto, isto não significa que o presidente se converteu em cristão, mas demonstra que este soube ser um político pragmático, que viu na “fé correta” um meio de recuperar a identidade e manter a união de uma nação (Tsonchev, 2017).

Sua inspiração e seu apoio ideológico encontram-se no emigrante russo Ivan Ilyin, um pensador e publicitário de século XX. Para ele, a Igreja Ortodoxa oferecia um terceiro caminho para o desenvolvimento da Rússia sem se embasar no comunismo soviético e nem no liberalismo ou democracia ocidentais. Segundo sua perspectiva, a Igreja é promotora e guardiã dos valores tradicionais russos e a única fonte verdadeira para a renovação espiritual do povo (Tsonchev, 2017).

Segundo Tsonchev (2017), Ivan Alexandrovich Ilyin é considerado um profeta pelo povo russo. Na década de 1950, Ilyin escreveu o ensaio *O que o desmembramento da Rússia implica para o mundo?* (Kuvakin, 1994), no qual previu o colapso da União Soviética e indicou maneiras para que o país se preservasse da influência ocidental.

Esse pensador não acreditava nas nações europeias e tinha a visão pessimista de que, após o colapso da URSS, a Alemanha anexaria a Ucrânia e os Estados Bálticos ao seu território; a Inglaterra tomaria o controle do Cáucaso e da Ásia Central; e o Japão atacaria o extremo oriente da Rússia (Tsonchev, 2017).

No que se refere à democracia, Ilyin não a considera como forma política mais apropriada para uma grande nação como a Rússia. De acordo com a sua perspectiva, o país era muito diversificado e a democracia não conseguiria preservar a sua unidade. Nesse sentido, defendia a ideia de que era uma pátria especial e, por esta razão, propôs como melhor forma de governança o que chamava de Ditadura Nacional da Rússia. Nesse contexto, o poder central que ele idealizou não seria um regime totalitário, mas, sim, uma regra autocrática similar à da antiga monarquia russa (Tsonchev, 2017). Sobre esse regime, Ilyin afirmava que haveria liberdade, mas não anarquia, e o poder central – como o Leviatã hobbesiano – serviria ao povo, assegurando a paz e a ordem civil.

Dessa forma, podemos notar que as ideias de Ilyin influenciam a postura adotada por Putin. Observamos também que há uma espécie de fusão entre religião e política no país. Tsonchev (2017) indica que isto, porém, não representa uma desidratação do Estado e da sociedade russa, pelo contrário, demonstra a recuperação e reinvenção de uma antiga forma de cesaropapismo,<sup>7</sup> tradicional para a cultura e experiência política.

Ao longo dos séculos, antes do fim da monarquia, a Rússia se considerava um império cristão, a Terceira Roma, um sucessor de Bizâncio, o império euroasiático destruído pelos otomanos. Em Bizâncio, o imperador era o chefe de Estado e da igreja (...). Agora, no século XXI, vemos como essas velhas ideias e mitologias são

---

7. Sistema político do qual o chefe de Estado (César) tem a competência para decidir sobre a doutrina, a disciplina e a organização da sociedade cristã, exercendo poderes que, segundo a tradição cristã, competem à maior autoridade religiosa (Papa). Neste contexto, o governante civil unifica as funções imperiais e pontificais em sua pessoa. Trata-se de uma subordinação da Igreja ao Estado.

ressuscitadas e exploradas com sucesso pelo poder no Kremlin (Tsonchev, 2017, p. 10, tradução nossa).<sup>8</sup>

Nesse sentido, percebemos que Putin defende uma excepcionalidade, como se a Rússia fosse diferente dos demais países. Entretanto, dentro da Rússia, não pode haver nem muitas nem grandes diferenças.

No âmbito internacional, Putin propõe um renascimento geopolítico para a Rússia. A estratégia de cooperação de Yeltsin deu lugar a um processo de recuperação do poder do Estado russo e sua consolidação como potência, de maneira que a política externa da Rússia se caracterizou por ter tido um movimento paulatino de recuperar o poder e a influência que possuía durante a Guerra Fria.

Tal processo tenderia a se tornar cada vez mais evidente no cenário internacional, com a participação do país em eleições nas antigas repúblicas soviéticas para eleger políticos ligados à Rússia e não ao Ocidente. Outros desdobramentos são as alianças com China, Irã e Índia, para o combate ao terrorismo; a oposição ao Estados Unidos; e a anexação da Crimeia (Kulike e Aguilár, 2014).

Assim, notamos que a sombra autoritária apenas cresceu com o passar dos anos de Putin no poder. Segundo Pomerantsev (2015), Putin montou um governo hostil a quase tudo que não é do mundo russo, apresentando-o com pompa imperial, e, sempre que necessário, manipula os sentimentos nacionalistas. A união entre as teses nacionalistas com as da excepcionalidade cria uma aparente contradição, que pode confundir parte considerável da opinião pública internacional. Se, por um lado, a Rússia de Putin se apresenta como um contraponto aos Estados Unidos, por outro, na política internacional, cria novas alianças e participa de articulações diplomáticas, inclusive cria novas organizações políticas internacionais, alimentando a imagem de uma resistência ou mesmo de uma liderança de uma nova ordem multipolar.

Alguns autores sintetizam este processo como “russificação” dos países e territórios que um dia formaram a URSS (lembrando que, de toda a União Soviética, pouco mais de 50% da população estava na atual Rússia). Nele, o elemento cívico “ser russo” mistura-se com o elemento cultural. Assim, ser russo passa a ser compartilhar de uma cultura russa e ter certos valores políticos, como nutrir um senso de orgulho, compartilhar de uma memória coletiva e de certos privilégios e obrigações, como consequências de um pertencimento e ligação com o Estado.

---

8. *“Over the centuries, before the end of monarchy, Russia considered itself as a Christian empire, the Third Rome, a successor of Byzantium, the Euro-Asiatic empire destroyed by the Ottomans. And now, in the 21st century, we see how these old ideas and mythologies are resurrected and successfully exploited by the power in Kremlin”.*

Nesse ponto, destaca-se a repressão feita a grupos não russos que fizeram parte da URSS, tratados como uma ameaça à segurança nacional na era Putin. Dos chechenos ao conflito na Geórgia-Ossétia do Sul, até o direito dos imigrantes das ex-repúblicas soviéticas na Rússia, passando pelo conflito na Ucrânia e na Síria, o governo Putin tem duas políticas migratórias: uma parece aberta e voltada para os grupos étnicos pró-Rússia que queiram voltar à “grande mãe Rússia” e precisam ser protegidos contra governos e atores russofóbicos; a outra é fechada e restritiva, e busca controlar atores domésticos que questionem a política do Kremlin.

### 3 DONALD J. TRUMP: A SOMBRA POPULISTA NOS ESTADOS UNIDOS

A vitória de Donald Trump na eleição de 2016 foi recebida tanto nos Estados Unidos como na comunidade internacional com surpresa e receio. Trump fez uma campanha agressiva, divisionista, com muitas ofensas e sem poupar ataques tanto para o partido democrata como ao partido republicano. Em síntese, Trump se apresentava como um candidato antissistema e prometia outro *status quo*, no qual decisões seriam tomadas rapidamente, soluções econômicas viriam em pouco tempo e, basicamente, “a América voltaria a ser grande novamente”.

Trump poderia ser apresentado como um candidato conservador, na medida em que defende ideias do conservadorismo social. Por várias vezes utilizava-se da retórica da guerra cultural – nós (conservadores) *versus* eles (liberais, socialistas, multiculturalistas etc.) – e, na reta final, aproximou-se de nomes conservadores, como o seu vice Mike Pence, a ex-governadora do Alasca, Sarah Palin, e alguns comentaristas e formadores de opinião populares do espectro conservador conduto. O chamado *mainstream* conservador não o apoiou e, muitas vezes, o crítica.

Trump, estrategicamente, muitas vezes fez campanha como se fosse um candidato progressista, colocando-se como defensor do trabalhador comum e como a voz do povo, prometendo um governo que seria do povo e para o povo. Trump fala ainda de uma agenda econômica protecionista e de antiglobalização (promete sair de vários acordos internacionais, se coloca como crítico de acordos de livre comércio etc.), e elege a geração e recuperação de empregos como uma prioridade, mesmo que, para isso, tenha que resgatar políticas econômicas heterodoxas, como o America First prometendo taxar produtos importados e priorizar produtos feitos nos Estados Unidos.

Dentro do espectro direita-esquerda ou conservador-progressista, Trump mostra-se desinteressado em seguir a fórmula consagrada para ganhar eleições presidenciais nos Estados Unidos: primeiro mobilize sua base – pois, para isso, não exige-se uma retórica ideológica e o comprometimento com temas, agendas e bandeiras pouco consensuais –, para em seguida caminhar para o centro, conquistando o máximo de votos de um eleitorado independente, moderado ou

mesmo disposto a oscilar em disputas polarizadas entre candidatos competitivos que são ou democratas ou republicanos; conservadores ou progressistas.

Se Trump teve uma fórmula eleitoral, esta foi de, primeiro, destruir a base republicana, para, depois, dividir a base democrata. Dessa forma, ganhou no colégio eleitoral, porém, perdeu no voto popular por uma diferença de quase 3 milhões de votos, ficando atrás em estados historicamente sólidos em apoio a temas conservadores, como Utah e Texas, e ganhando em estados progressistas como Pensilvânia e Wisconsin. Trump foi vitorioso mudando as bases ideológicas e os mapas eleitorais cujos padrões serviram para eleger todos os presidentes desde, pelo menos, Richard Nixon, em 1968.

Por esse contexto, alguns analistas classificam Trump não como conservador ou progressista, mas como populista.<sup>9</sup> Seu populismo é fruto, principalmente, da postura, retórica e relação que estabelece com seus eleitores e com os demais atores políticos (a oposição, seu próprio partido, seus críticos, defensores, financiadores etc.).

Trump apresenta características de um típico líder nativista/populista, tal como historicamente retratado por autores como Hofstadter (1964), Berlet e Lyons (2000) e Desmond (2012), como: *i*) anti-intelectualismo, isto é, a guerra contra o *establishment* da mídia, contra o consenso acadêmico, os políticos tradicionais e formadores de opiniões politicamente corretos; *ii*) antielitismo, ou seja, ideia de que o sistema todo é corrupto porque é manipulado e está a serviço de poucos; e *iii*) manipulação das emoções, agindo de forma impulsiva e destemida, propondo atropelar leis, instituições ou mesmo “os bons modos” e o “costume”, em nome do povo e para o povo.

Permeando esse tripé e o colocando em funcionamento como uma espécie de combustível para essa máquina populista há outras três características, descritas a seguir.

- O uso de estratégias divisionistas, manipulando incertezas, espalhando rumores, notícias falsas, boatos, difamações. Acusando e pedindo a prisão, por exemplo, de seus opositores, mas ao mesmo tempo, negando qualquer ilícito quando acusado.
- Propagação de teorias conspiratórias como se fossem o resumo dos fatos, a grande síntese e a explicação que ajuda a criar bodes expiatórios dentro de uma narrativa que funciona como um elemento incendiário para a ação política.
- Carisma, um líder capaz de falar para milhares de pessoas que seja capaz de produzir intenso impacto nos seus eleitores/seguidores.

---

9. Para mais informações, ver Friedman (2017), Gerson (2017) e Frum (2017).

A diferença de Trump em relação a outros líderes e movimentos populistas/nativistas da história dos Estados Unidos é que este conseguiu vencer. Outros movimentos semelhantes, antes dele, também foram muito populares, porém, não obtiveram tanto êxito. Por exemplo, a Klu Klux Klan (KKK), em seu auge, teve milhões de filiados, incluindo políticos do *establishment* democrata. O movimento nativista Know Nothing foi uma influência importante na criação do Partido Republicano em 1854. William Jennings Bryan, advogado e deputado democrata nas eleições de 1896, teve 47% dos votos, perdendo para William McKinley por uma diferença de 600 mil votos. Eugene V. Debs, líder sindical, concorrendo pelo Partido Socialista dos Estados Unidos, teve 900 mil votos nas eleições de 1912. Há outros casos mais recentes, como na eleição de 1996, na qual o bilionário texano Ross Perot teve mais de 8 milhões de votos concorrendo por um terceiro partido, e o caso de Bernie Sanders, senador por Vermont com mais de 13 milhões de votos na primária de 2016, no Partido Democrata.

Ser populista não é uma afirmação ideológica. É possível ser populista ocupando um vácuo ideológico tanto de direita quanto de esquerda, sendo conservador ou progressista.<sup>10</sup> A KKK, o Know Nothing ou mesmo o caso de Ross Perot estariam muito mais à direita, enquanto Debs, Bryan e Sanders, à esquerda.

Essa discussão pode ser bastante polêmica e acalorada. Historicamente, há autores que tentam, fugindo do consenso, colocar líderes populistas de movimentos totalitários como Benito Mussolini e Adolf Hitler como líderes carismáticos que – de forma populista – ocuparam o espaço e se apropriaram do discurso da esquerda.<sup>11</sup>

Nesse sentido, a ideia de *alt-right* funciona para explicar a nova base ideológica e de estratégia eleitoral produzida por Donald Trump. Em linhas gerais, a *alt-right* (ou direita alternativa) funciona como uma forma de criar comportamentos e tendências, seja de protesto ou de afirmação, que nasçam do comportamento *on-line* – ou seja, das manifestações na internet, quer seja em redes sociais, *blogs*, fóruns de discussão, *e-mails* ou sessões de comentários de *sites* de notícias. Neste contexto, literalmente, vale tudo, de misoginia, antissemitismo, racismo, apologia a crimes hediondos. Com isso, muitos nomes conhecidos da extrema direita<sup>12</sup> se reinventaram como direita alternativa.

---

10. Weinstein (2003) argumenta que Walter Lippman, um jovem simpatizante do Partido Socialista dos Estados Unidos, defendia que, no auge da popularidade do Partido Socialista dos Estados Unidos, muitos candidatos, inclusive muitos pastores, reverendos e líderes religiosos, buscavam os socialistas com uma plataforma progressista, porque não tinham espaço em outras legendas. Neste ponto, Lippman discute se, estrategicamente, não seria mais interessante perder votos, mas ter um eleitorado mais afinado com as ideias socialistas do que ter candidatos com mais votos, mas sem afinidade ideológica.

11. Mais informações em Goldberg (2009) e Mann (2014).

12. Para mais sobre o assunto, ver Neiwert (2017).

Trump – ao contrário, digamos, de um candidato tradicional, que iria recuar, negar apoio ou rechaçar o que seria inaceitável – adotou uma postura conivente e condescendente, como se o povo tivesse sempre razão e seu comportamento fosse apenas a expressão de um esgotamento político no qual ele seria o herdeiro e única possibilidade de mudança.

Viciado em uma cultura política de polarização, manipulação e nativista (“os fins podem justificar os meios”), o ponto de vista do Kremlin, de desestabilizar sua oponente e evitar sua vitória, pode muito bem ser bem-vindo por Trump, sem qualquer questionamento ético ou moral. Como afirmou Donald Trump Jr., um dos filhos e também assessores da campanha, toda ajuda – inclusive dos russos – contra a candidatura oponente seria bem-vinda.<sup>13</sup> Todavia, há uma investigação em curso acerca dessa postura, o que pode, inclusive, levar a um futuro processo de *impeachment*.<sup>14</sup>

#### **4 O FIM DA EXCEPCIONALIDADE AMERICANA E O RESGATE DA EXCEPCIONALIDADE RUSSA: AS AFINIDADES SELETIVAS ENTRE TRUMP E PUTIN**

Putin e Trump, como líderes políticos, não são entusiastas do capitalismo e não apostam no livre mercado, nas liberdades individuais ou no regime democrático como horizontes para a solução dos problemas globais. Ao contrário, desconfiam do livre mercado e da livre circulação de pessoas, e falam apenas em democracia quando qualificada nos termos de um discurso nacionalista, com retórica de “lei e ordem”. Já o capitalismo, um conceito caro à Guerra Fria, agora é comum a ambos. Porém, também de forma qualificada, Putin e Trump parecem pensar o capitalismo não como força econômica abstrata, mas como submetido e controlado pelo Estado. Caberia a eles, como líderes fortes, superar as crises próprias do capitalismo.

No caso de Putin, sua proposta, como vimos, é de resgatar e reinserir a Rússia como uma grande potência. No caso de Trump, há um questionamento quanto aos rumos do poder americano e seu protagonismo na construção da ordem pós-Segunda Guerra, o que leva os Estados Unidos a repensar sua política comercial, ambiental e de cooperação internacional, bem como os tratados internacionais de cooperação, como a Otan, e as organizações políticas internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU). Neste ponto, a Rússia, longe de ser um novo aliado estratégico dos Estados Unidos, não é diretamente afetada por este reposicionamento. Ao contrário, indiretamente, pode se beneficiar: uma vez que a Otan e a ONU forem enfraquecidas, os interesses russos ganham força.

13. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-usa-trump-russia-idUSKBN19V2DO>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

14. Mais informações sobre o andamento do processo disponíveis em: <<https://wapo.st/30pkGG6>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

Trump e Putin elegeram um inimigo comum: o terrorismo fundamentalista islâmico, cuja melhor face é o já quase destruído Estado Islâmico. Ao contrário de outros governos, que colocavam o terrorismo islâmico como uma ameaça global, com foco na segurança, neste novo contexto, a ameaça terrorista ganha força como ameaça identitária. Em ambos os casos, se recorre à defesa e revalorização da identidade cristã, e o discurso nacionalista se sobrepõe a um direcionamento estratégico claro.

Como presidentes que enfrentam uma ameaça identitária, ambos apostam na imagem de “homens fortes”<sup>15</sup> e se aproximam das Forças Armadas, prometendo mais gastos militares. Não desconsideram ataques de grande impacto<sup>16</sup> e, no caso de Putin, a presença militar e a prática de exercícios militares são usadas como forma de intimidar países, especialmente os países bálticos membros da Otan (como a Estônia e a Finlândia).

Sem bases ideológicas claras, Trump e Putin fogem da moderação política e de decisões que demonstrem reflexão, pesquisa e ponderação. Recorrentemente, eles se voltam contra seus aliados, ministros, secretários e assessores. Ao agirem dessa forma, sinalizam que não querem ouvir ou delegar, e acreditam que só eles são capazes de decidir, precisando apenas da legitimidade do voto popular.

Ambos desconfiam da mídia, pois lidam mal com críticas e são sensíveis à mobilização política popular. No caso de Putin, o contexto é de domínio e utilização para fins políticos. Já no caso de Trump, a situação é de guerra declarada. O presidente americano, pessoalmente, ataca, ofende e acusa repórteres, redes de TV e seus críticos, de modo geral, de fazer jornalismo falso, e ainda incentiva canais e agências de notícias alternativos, principalmente da internet, a assumirem o protagonismo. Outra estratégia de Trump – e que, historicamente, é uma marca populista – é tentar falar diretamente com o povo, mantendo seu eleitorado mobilizado, apesar da revelia da mídia *mainstream*.

## **5 A SOLUÇÃO AUTORITÁRIA PARA A RÚSSIA: COM CRESCIMENTO ECONÔMICO, QUEM PRECISA DE DEMOCRACIA?**

Autores como Charles Kupchan (2013) projetam para os Estados Unidos uma ordem multipolar sem necessariamente haver hegemonia americana. Seu argumento sustenta-se nas teses defendidas por grupos intelectuais, como os neoconservadores. Estes defendiam uma política externa intervencionista,

---

15. São notórias as fotos oficiais de Putin se exercitando, praticando artes marciais ou testando novos equipamentos do exército russo. Do lado de Trump, também são patentes as declarações (especialmente seus *tweets*) recheadas de uma retórica misógina e autoelogiosa.

16. Alegando atacar alvos estratégicos do Estado Islâmico, Trump ordenou em 14 de abril de 2017 um ataque com uma bomba de 11 t, conhecida como GBU-43-B, “a mãe de todas as bombas”, no Afeganistão matando 92 pessoas. Disponível em: <<https://bit.ly/2nOWg9x>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

reconstruindo uma ordem internacional pós-Guerra Fria, a partir de mudanças de regime e apostando na construção de nações e na democracia como principal arma para uma conjuntura internacional mais pacífica, liberal e ocidental. Todo o processo de modernização – como de urbanização, inovação tecnológica e pluralismo político – reforçaria a ideia de Ocidente.

Para Kupchan (2013), são vários os casos que desafiam e mesmo põem em xeque a tese do novo século americano – como defendida por neoconservadores no liminar do século XXI. Há, por exemplo, desafios na relação entre política e religião, como os casos dos autocratas que conseguem gerar riqueza, focando no interesse nacional, sem, contudo, se preocupar com a natureza das instituições ou mesmo sem defender ou apresentar alguma simpatia pela ideia de democracia.

Casos como a China e dos países do Golfo Pérsico, Irã e Israel são, para o autor, casos ou de autocracias ou de democracias não exatamente liberais/ocidentais. O caso russo, em particular, se caracteriza pela cooptação das elites estabelecendo uma relação hierárquica, que Kupchan (2013) classifica como “paternal”, na qual a legitimidade do líder depende de uma equação fundamentalmente com duas variáveis: o sucesso econômico e a manutenção da ordem.

Em uma autocracia, as decisões econômicas são tomadas de forma mais fácil do que em uma democracia com liberdades civis, atores econômicos diversificados e pluralismo político. No regime autocrático, o governo aprova ou proíbe manifestações e greves, assim, formando, criando e alimentando uma determinada elite, a partir de sua escolha. Neste processo, Pomerantsev (2015) relata vários casos de ascensão, queda, perseguição, prisão e assassinato de empresários na era Putin.

Segundo Kupchan (2013), a autocracia de Putin foi bem-sucedida ao conseguir controlar a inflação em seus primeiros oito anos (2000-2008) de governo e, com o preço do petróleo em alta, fazer a economia russa crescer. Nos oito anos seguintes, entre 2008 e 2016, usou do poder para fortalecer seu regime autocrático, valendo-se do aparato do Estado para intimidar e perseguir opositores políticos,<sup>17</sup> controlar a mídia e as eleições.<sup>18</sup> A influência autocrática também se espalhou pelas ex-repúblicas soviéticas. Segundo relatório da Freedom House (Puddington, 2017), onze das doze repúblicas estão mais autocráticas e menos democráticas.

---

17. Veja a lista dos presos políticos organizada pelo Institute of Modern Russia, em parceria com o International Memorial Board, disponível em: <<https://bit.ly/2HxHivC>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

18. Mesmo mantendo a aparência de instituições independentes e em funcionamento, autores como Zygar (2016) relatam casos de fraudes eleitorais, prisão de líderes políticos de oposição, restrição ou mesmo banimento de partidos políticos. Como mostra Applebaum (2012), ao controlar a mídia televisiva russa, o governo Putin chega com facilidade a mais de 95% dos lares russos – a internet, por sua vez, mesmo com várias restrições, filtros e censuras, chega a 70%. Além disso, segundo relatório da Freedom House, a internet na Rússia não pode ser considerada livre, e o Kremlin também a usa evitando a mobilização e a propaganda antirussa em países onde há conflitos, como a Ucrânia e a Crimeia. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/report/freedom-net/2016/russia#a2-limits>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

A autocracia nesses casos funciona com uma aparência e certa estrutura institucional, pautada pela divisão e alguma independência entre os poderes, mas com características próprias de um regime autoritário. Ou seja, o pluralismo político é limitado e há pouco mobilização política. Na prática, o governo controla quem, quando e onde podem ocorrer manifestações, e o poder, de fato, está nas mãos de poucos. Além disso, o grupo mais próximo ao poder é, geralmente, leal ao líder e por ele escolhido.<sup>19</sup> A sombra autoritária nestas situações funciona bem, pois ela permite uma flexibilidade ideológica. No caso russo, Putin é extremamente flexível em termos ideológicos.

No poder desde 2000, Putin já passou por defensor do Direito Internacional, mesmo invadindo e anexando a Crimeia, e já tentou ser um articulador diplomático para acordos de paz, mesmo depois apoiando Bashar al-Assad e intensificando um conflito que já contabiliza centenas de milhares de mortos. Até a visão de seu regime em relação ao passado totalitário dos anos mais duros de Joseph Stalin<sup>20</sup> tem aspectos ambíguos. A ideia de uma Rússia que luta contra o terrorismo islâmico se mistura a ideias neofascistas<sup>21</sup> que defendem a ideia de um contraponto “Russo-Eurásia”, diante da decadência europeia, supostamente dominada pelo multiculturalismo, pelos movimentos em defesa de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) e pela ameaça terrorista islâmica.

A flexibilidade ideológica também permite uma política externa flexível. Se, historicamente, Rússia e China disputavam o mesmo espaço vital, a partir do final dos anos 1990, uma aproximação traduziu-se em acordos de cooperação de diferente ordem.<sup>22</sup> Ambos, em paralelo, cresceram como atores internacionais com o declínio e crise de atores como os Estados Unidos, no caso da China, e da Europa, no caso russo.

Apesar da crise econômica na Rússia – fruto, em boa medida, da dependência dos recursos fósseis –, das duas frentes de conflito (Síria e Ucrânia), das dificuldades de se manter o atual poder militar<sup>23</sup> e das sanções aplicadas pelo Ocidente, Vladimir Putin, segundo pesquisa da Pew Center,<sup>24</sup> tem apoio popular que chega a 80%.<sup>25</sup>

19. Em um contexto autocrático governado por um círculo restrito, teorias conspiratórias crescem e ganham força ao sabor dos humores e do contexto político. Autores como Knight (2001) e Pomerantsev (2015) analisam o papel das teorias conspiratórias em sociedades como os Estados Unidos e a Rússia. Um argumento recorrente é que a conspiração funciona tanto para justificar como para dar sentido a nexos causais em contextos políticos nos quais, nos termos de Pomerantsev (2015), “*nothing is true and everything is possible*”.

20. Mais informações disponíveis em: <<https://www.rferl.org/a/russia-putin-decries-excessive-demonization-stalin/28559464.html>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

21. Sobre o assunto, ver Shenfield (2001).

22. Alguns exemplos são a Shanghai Cooperation Organization e a Eurasian Economic Union.

23. A Rússia tem gastos militares que comprometem 5% do PIB, o maior gasto desde o final da Guerra Fria. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

24. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2017/06/20/president-putin-russian-perspective/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

25. Veja discussão sobre a popularidade de Putin, disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2017/06/22/overwhelming-majority-russians-support-putins-handling-world/>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

Não obstante uma oscilação para baixo, quando foca em temas como política para Ucrânia (63% de aprovação), política para os Estados Unidos (73%), ou mesmo de forma geral, quando o tema é o rumo da Rússia na política internacional (87%), a pesquisa é reveladora. Putin e sua autocracia não só sabem como se manter no poder, mas, também, para além de sua própria sobrevivência, passam a pensar a política internacional, buscando fortalecer aliados e destruir inimigos.

Com estabilidade política, apesar da crise econômica, o regime de Putin tem apresentado uma estratégia recorrente para lidar com a oposição russa e com opositores em países da zona de influência do Kremlin. Esta estratégia se sustenta em uma espécie de guerra de informação, na qual Putin não quer ganhar corações e mentes, como diziam os americanos em tempos de Guerra Fria, mas apenas mostrar que o outro lado é tão ruim e sujo quanto (supostamente) eles, os russos, ou os por ele apoiados. Esta ideia é sintetizada por Puddington (2017) como uma estratégia de distorcer, deformar e até mesmo paralisar o debate público, sem, no entanto, gerar uma alternativa, assimilar ou absorver as consequências.

Caminhando a passos de dividir para dominar, na Rússia, o governo conseguiu controlar a mídia e, internacionalmente, a Russian Television International,<sup>26</sup> com programação vinte e quatro horas e programas em dezenas de línguas. Há também agências de notícias, como o Sputnik International,<sup>27</sup> que se colocam como fonte alternativa de informações não só sobre a Rússia, mas sobre a política internacional. Existem ainda centros de pesquisa que oferecem bolsas competitivas visando atrair pesquisadores interessados em trabalhar na Rússia.<sup>28</sup>

Todo esse conjunto de ações forma uma espécie de *soft power* da Rússia, que pode, muitas vezes, parecer uma alternativa ou mesmo resistência a todo aparato de espionagem, vigilância, monitoramento e guerra cibernética por parte dos Estados Unidos. Contudo, na prática, a estratégia do governo Putin é autoritária e centralizadora. No limite, ele pretende ter a mídia sob seu controle e usá-la para conter as mobilizações da sociedade civil, bem como minar alternativas políticas a seus planos. Na Rússia dos anos 2000 a 2017, é exatamente isso que tem sido feito.

O que se destaca, conforme veremos, é como um regime autocrático, como o de Putin, se utiliza de ferramentas e liberdades democráticas e liberais para construir a sua própria agenda. Pouco a pouco, ele influencia e alimenta um recrudescimento de regimes, líderes e partidos, que vão de democratas não liberais até neofascistas, passando por candidatos de plataforma nacionalista

26. Disponível em: <<https://www.rt.com/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

27. Disponível em: <<https://sputniknews.com>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

28. Veja reportagem sobre o tema disponível em: <<https://themoscowtimes.com/articles/russian-academias-struggle-to-attract-top-talent-51709>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

ou que simplesmente tenham uma bandeira anti-União Europeia (UE)<sup>29</sup> que interesse à Rússia.

## 6 CRISE/OPORTUNIDADE: RÚSSIA NO (CONTRA-)ATAQUE

*Putin toma uma decisão e a executa com rapidez.*

*Depois, o resto reage.*

*Isso é o que se pode chamar de líder.<sup>30</sup>*

Rudy Giuliani

Em 2014, os preços do petróleo e do gás sofreram uma forte crise (a segunda em um intervalo de sete anos), o que afetou diretamente a Rússia, mas não a ponto de evitar uma escalada do conflito com a Ucrânia. Em 2015, tivemos uma crise migratória com mais de um milhão de pedidos de asilo nos países da UE, além de imigrantes motivados pela crise econômica e em fuga de conflitos, como na Síria, e da ameaça do Estado Islâmico atuando em diferentes países do mundo muçulmano. A crise humanitária, somada à crise política, em um contexto de enfraquecimento da economia global, apenas acentuou a percepção de que a própria democracia estava em crise. Segundo *think tanks* como a Freedom House, que estabelece uma base para avaliar e ranquear os países por critérios liberais, democráticos,<sup>31</sup> a democracia está em declínio no mundo desde 2005/2006.

Foi nesse contexto de crise que a Rússia passou a intensificar suas estratégias de contrapropaganda, espionagem e guerra cibernética, com o objetivo de enfraquecer possíveis governos hostis e fortalecer eventuais governos aliados, influenciando nas eleições e na opinião pública de países estrangeiros. A estratégia ganhou destaque em 2016, ao observarmos um fenômeno que a mídia classificou como “a virada populista global”.<sup>32</sup>

A ascensão populista afetou países como Hungria, Polônia, República Tcheca, Sérvia, Áustria, França, Holanda, Reino Unido e Estados Unidos. Todavia, nem sempre o candidato populista – ou, pelo menos, não liberal – foi o vitorioso. Em países como Áustria, Holanda e França, candidatos populistas tiveram chances reais de vitória, se qualificando como a principal força de oposição. Ao mesmo tempo, regimes autoritários passaram a cooperar e compartilhar estratégias

29. É o caso, por exemplo, do partido de esquerda Syriza, ou dos partidos ingleses pró-saída da UE, como o UK Independence Party.

30. “*Putin makes a decision and he executes it, quickly. And then everybody reacts. That’s what you call a leader*”.

31. Informações sobre como a Freedom House cria seus relatórios e ranques disponíveis em: <<https://freedomhouse.org/our-work>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

32. Mais informações disponíveis em: <[https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/12/19/the-global-wave-of-populism-that-turned-2016-upside-down/?utm\\_term=.78fa2bfaf1e2](https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/12/19/the-global-wave-of-populism-that-turned-2016-upside-down/?utm_term=.78fa2bfaf1e2)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

antiliberais, buscando se fortalecer, como é o caso da Venezuela, Filipinas, China, Turquia, Arábia Saudita e Irã.

A estratégia de Putin ao financiar partidos europeus e disponibilizar seu *soft power* a serviço da guerra de informação busca apoiar candidatos e plataformas que se apresentem como alternativa à ordem política (liberal, pró-Estados Unidos e pró-UE), e não simplesmente como uma plataforma de oposição, mas inserida no *status quo* político. Neste ponto, os partidos ou candidatos podem ter perfis mais à direita ou à esquerda, sendo nacionalistas ou internacionalistas.

Segundo relatório da Freedom House (Puddington, 2017), a Hungria, seguida da Polônia e da Eslovênia, é um dos países prioritários. Em todos eles, partidos nacionalistas estão consolidados no poder e avançam em reformas de perfil autoritário em rápida velocidade. Em termos de partidos políticos, destacam-se: a Frente Nacional (França); a Liga Norte (Itália); o Democratas Suecos (Suécia); o Partido pela Independência do Reino Unido (Inglaterra); e o Partido da Liberdade (Holanda).<sup>33</sup> Todos são de perfil nacionalista, com plataforma conservadora (não necessariamente liberal) e que apresentam em comum: *i*) ênfase na identidade nacional e na soberania; *ii*) rejeição à UE; *iii*) proposta de revisão histórica e resgate de elementos nacionalistas na política doméstica; *iv*) plataformas de política externa por um recorte étnico-nacionalista; *v*) simpatia por Vladimir Putin, seja como exemplo de líder ou de governante que resgata o país como grande potência; e *vi*) influência russa nas eleições americanas.

## 7 CONCLUSÕES

O que pretende a Rússia de Putin em um contexto de crise democrática no Ocidente? Em um primeiro momento, sua estratégia geral é fortalecer uma oposição não liberal à UE, o que pode, a curto e médio prazo, minar e desestabilizar politicamente a Europa.

A estratégia de *soft power* autoritário tem sido eficaz para a agenda de Putin. Ela cria uma dinâmica de baixo custo, fácil controle e bons retornos. Nos termos de Schenkkan (2017, p. 56, tradução nossa): “a ascensão da política populista nas democracias pode dar aos regimes autoritários modernos um novo sopro de vida”.<sup>34</sup> Ao usar como tática uma “guerra de propaganda”, se está apenas alimentando uma tensão política que pode ou não desestabilizar o país.

Ao gerar essa tensão política, os atores políticos do *status quo* precisam reagir, e ao fazê-lo, podem eventualmente se expor e perder as eleições. Funcionou, por exemplo, no caso do plebiscito sobre a saída do Reino Unido da UE e quase teve

33. Desses partidos, segundo Puddington (2017), o Partido da Liberdade holandês é o melhor afinado aos interesses russos.

34. “The rise of populist politics in democracies could give modern authorities a new lease on life”.

êxito em países como Áustria e França, cenários nos quais o candidato de perfil nacionalista/populista foi a segundo turno, mas acabou perdendo.<sup>35</sup> Nos casos mais próximos da zona de influência russa, a guerra de informação funciona com três objetivos, conforme descrito a seguir.

- 1) Denunciar – e, ao mesmo tempo, justificar – intervenções, perseguições e humilhações a populações de língua ou etnias russas.
- 2) Denunciar e propagar planos e conspirações ocidentais (especialmente dos Estados Unidos contra a Rússia), destacando organizações não governamentais (ONGs) e opositores políticos do Kremlin que participam destes planos e conspirações.
- 3) Criar senso de normalidade diante de tensões e levantes que surjam na sociedade civil ou de resultados eleitorais que possam ser questionados.<sup>36</sup>

Em linhas gerais, a crise política da Europa e do Ocidente, ou da democracia, de forma mais ampla, serve ao modelo autocrático de Putin como uma oportunidade para tentar controlar a sociedade civil russa, minando o pluralismo político, controlando a liberdade de imprensa e criando, assim, um modelo de democracia não liberal, que não só serve como *soft power* em uma estratégia de expansão e resgate da Grande Rússia, como taticamente em situações de conflito, seja no Cáucaso, nos Balcãs ou na Ásia Central.

Putin percebeu que, ao construir na Rússia uma autocracia, era possível minar democracias ocidentais ou ideias liberais sem necessariamente dominar, invadir ou propor uma nova Guerra Fria, mas simplesmente influenciando as disputas eleitorais. Com a vitória de candidatos não liberais, rapidamente a oposição nestes países sofre um grande abalo. Com a oposição enfraquecida, ou destruída, a democracia liberal está em xeque.

Na relação direta entre Putin e Trump, nos parece claro que o líder russo tem pouco ou nada a perder ao partir para o ataque com seu *soft power* autoritário – porém, o estrago de Trump para a democracia americana pode ser um fardo difícil para os próximos governantes. No balanço geral, apesar da fragilidade russa e dos regimes autocráticos, como um todo, são eles que estão hoje mais fortalecidos, na medida em que a ideia de Ocidente, ou mesmo de democracia liberal, está em crise.

---

35. No caso francês, foi uma derrota incontestável. Porém, no caso austríaco, foi uma disputa que se estendeu com recontagens, terminando em uma vitória com diferença inferior a 350 mil votos (que derrotou o candidato do Partido da Liberdade Austríaca).

36. Em países da Ásia Central, alguns líderes autocráticos se submetem a eleições, mantendo uma aparente manutenção da democracia e do pluralismo político, mas saem das urnas com 80% ou mais dos votos gerando desconfianças e críticas. Veja, por exemplo, o caso do Azerbaijão e da Bielorrússia nas eleições dos últimos dez anos (Schenkkan, 2017).

Nessa conjuntura, tal como apresentamos na introdução, segundo Friedman (2009), se os Estados Unidos são ainda uma nação “adolescente”, em termos geopolíticos, talvez Donald Trump seja uma inflexão decisiva e necessária para o seu amadurecimento.

## REFERÊNCIAS

APPLEBAUM, A. Vladimir's tale. **New York Review of Books**, Apr. 2012. Disponível em: <<http://www.annapplebaum.com/2012/04/26/vladimir%E2%80%99s-tale/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

ARON, R. **Paz e guerra entre as nações**. São Paulo: Editora UnB, 2002.

BELL, D. **The radical right, the new American right**. New York: Doubleday and Company, 1963.

BERLET, C.; LYONS, M. **Right-wing populism in America: too close for comfort**. New York: The Guilford Press, 2000.

CASTELLS, M.; KISELYOVA, E. **The collapse of Soviet communism: a view from the information society**. Berkeley: University of California at Berkeley, 1995.

DESMOND, H. **The know-nothing party: a sketch**. San Francisco: CreateSpace, 2012.

FRIEDMAN, G. **Os próximos 100 anos: uma previsão para o século XXI**. Rio de Janeiro: Best Business, 2009.

FRIEDMAN, U. What is a populist? And is Donald Trump one? **The Atlantic**, Feb. 2017. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/02/what-is-populist-trump/516525/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

FRUM, D. How to build an autocracy. **The Atlantic**, Feb. 2017. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2017/03/how-to-build-an-autocracy/513872/>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

FUKUYAMA, F. **The end of History and the last man**. New York: Macmillan, 1992.

GERSON, M. The conservative mind has become diseased. **The Washington Post**, May 2017. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/opinions/the-conservative-mind-has-become-diseased/2017/05/25/523f0964-4159-11e7-9869-bac8b446820a\\_story.html?utm\\_term=.02743ffcb68](https://www.washingtonpost.com/opinions/the-conservative-mind-has-become-diseased/2017/05/25/523f0964-4159-11e7-9869-bac8b446820a_story.html?utm_term=.02743ffcb68)>. Acesso em: 27 jul. 2017.

GOLDBERG, J. **Liberal fascism: the secret history of the American left, from Mussolini to the politics of change**. New York: Crown Forum, 2009.

GOLDMAN, M. **Gorbachev's challenge**: economic reform in the age of high technology. New York: W. W. Norton, 1987.

HIMMELFARB, G. **One nation, two cultures**. 2nd ed. New York: Knopf, 2001.

HOFSTADTER, R. **The paranoid style of American politics**. New York: Vintage Books, 1964.

KANNAN, H. O fim da História e o último homem. **Percursos**, v. 6, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1451/1224>>. Acesso em: 4 maio 2017.

KEERAN, R.; KENNY, T. The collapse of the Soviet Union reconsidered. **MLToday**, 2014. Disponível em: <<https://mltoday.com/the-collapse-of-the-soviet-union-reconsidered/?utm=>>.

KNIGHT, P. **Conspiracy culture**. New York: Routledge, 2001.

KULIKE, M.; AGUILAR, S. Rússia e política de influência. **Conflitos Internacionais**, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/#!/extensao/observatorio-de-conflitos-internacionais/series/series-anteriores/>>. Acesso em: 4 maio 2017.

KUPCHAN, C. **No one's world**: the West, the rising rest, and the coming global turn. New York: Oxford University Press, 2013.

KUVAKIN, V. A. **A history of Russian philosophy**. New York: Prometheus Books, 1994. v. 2.

LICHTMAN, A. **White protestant nation**: the rise of the American conservative movement. New York: Grove Press, 2009.

MANN, M. **Fascistas**. São Paulo: Record, 2014.

NEIWERT, D. **Alt-America**: the rise of the radical right in the age of Trump. New York: Verso Brasil, 2017.

POMERANTSEV, P. **Nothing is true and everything is possible**: the surreal heart of the new Russia. New York: Public Affairs, 2015.

PUDDINGTON, A. **Breaking down democracy**: goals, strategies, and methods of modern authoritarians. Washington: Freedom House, June 2017. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/report/special-reports/breaking-down-democracy-goals-strategies-and-methods-modern-authoritarians>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

ROSS, M. L. **The oil curse**: how petroleum wealth shapes the development of nations. New York: Princeton, 2013.

SCHENKKAN, N. **Nations in transit 2017**: the false promise of populism. Washington: Freedom House, June 2017. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/report/nations-transit/nations-transit-2017>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

SEGRILLO, A. **Rússia**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2008.

SESTANOVICH, S. **Maximalist**: America in the world from Truman to Obama. New York: Vintage, 2014.

SHENFIELD, S. **Russian fascism**: traditions, tendencies and movements. New York: Routledge, 2001.

SUNY, R. Ascensão e queda da União Soviética: o império de nações. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 75, p. 77-98, 2008.

TSONCHEV, T. The Kremlin's new ideology. **The Montréal Review**, Canada, Jan. 2017. Disponível em: <<http://www.themontrealreview.com/2009/The-Ideology-of-Vladimir-Putin-Regime.php>>. Acesso em: 4 maio 2017.

WEINSTEIN, J. **The long detour**: the history and future of the American left. New York: Westview, 2003.

ZYGAR, M. **All the Kremlin's men**: inside the court of Vladimir Putin. New York: Public Affairs, 2016.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DIAMOND, L.; PLATTNER, M.; WALKER, C. (Org.). **Authoritarianism goes global**: the challenge to democracy. New York: Johns Hopkins University Press, 2016.

FENTON, S. Russian politician accuses Donald Trump of “russophobia” after Michael Flynn’s resignation over links to Kremlin. **Independent**, Mar. 2017. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/donald-trump-russophobia-russia-politician-konstantin-kosachev-michael-flynn-resign-kremlin-links-a7578966.html>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

MARTEN, H. *et al.* **Cultural and linguistic minorities in the Russian Federation and the European Union**: comparative studies on quality and diversity. Londres: Springer, 2015.

PATRICK, S. Trump in Warsaw: introducing “nationalist internationalism”. **Council on Foreign Relations**, July 2017. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/trump-warsaw-introducing-nationalist-internationalism>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

PEW RESEARCH CENTER. **The global divide on homosexuality**. Washington: [s.n.], June 2013. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2013/06/04/the-global-divide-on-homosexuality/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Russians return to religion, but not to church.** Washington: [s.n.], Apr. 2014. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2014/02/10/russians-return-to-religion-but-not-to-church/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

RIVKIN-FISH, M.; TRUBINA, E. **Dilemmas of diversity after the Cold War:** analyses of “cultural difference” by U.S. and Russia-based scholars. Washington: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2010.

STIGLITZ, J. The ruin of Russia. **The Guardian**, Apr. 2003. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2003/apr/09/russia.artsandhumanities>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

TOLZ, V. **Russia:** inventing the nation. London: Bloomsbury Academic, 2010.

